

NÃO SE PODE VIVER SEM UTOPIA

CADERNOS DO COMBATE #2 TEXTOS PUBLICADOS ENTRE 1987 E 1996

Este Caderno do Combate apresenta entrevistas, textos e crônicas publicadas entre 1987 e 1996, em plena «democracia de sucesso» apregoada pelo cavaquismo no poder.

Aqui se juntam a memória da luta contra o fascismo, a resistência das artes e dos intelectuais ao neoliberalismo reinante, a chegada dos direitos LGBT ao discurso político, a radicalidade de um feminismo que não pedia licença para existir.

Textos escritos com vontade para um jornal de circulação demasiado restrita, que combateu a indiferença e o conformismo e teve tantas e tão saborosas vitórias.

WWW.COMBATE.INFO

CADERNOS DO COMBATE #2 NÃO SE PODE VIVER SEM UTOPIA

FERNANDO ROSAS
FERNANDO PITEIRA SANTOS
FRANCISCO MARTINS RODRIGUES
MÁRIO DIONÍSIO
JOSÉ MÁRIO BRANCO
FRANCISCO LOUÇÃ
JÚLIO MACHADO VAZ
ANTÓNIO GOMES DA COSTA
MIGUEL VALE DE ALMEIDA
EDUARDA DIONÍSIO
MADALENA BARBOSA
ANA CAMPOS
MÁRIO VIEGAS
JÚLIO PINTO
VIRIATO TELES
JOÃO MESQUITA
ALEXANDRA LUCAS COELHO
MARIA IRENE SOUSA SANTOS
JOSÉ MANUEL MORAIS
HENRIQUE SILVESTRE
CARLOS CUNHA
JOÃO ROMÃO



**NÃO SE PODE VIVER
SEM UTOPIA**

NÃO SE PODE VIVER SEM UTOPIA

TEXTOS PUBLICADOS NA REVISTA COMBATE ENTRE 1987 E 1996

EDIÇÃO GRÁFICA: Luís Branco

Edições Combate

Rua da Palma, 268, 1100-394 Lisboa, Portugal.

www.combate.info

ISBN: 978-989-96052-2-0

Depósito Legal n.º 286474/08

Tiragem: 500 exemplares

Impresso em Novembro de 2008 por Rainho & Neves, Sta. Maria da Feira

NÃO SE PODE VIVER SEM UTOPIA

Textos de:

Fernando Rosas

Fernando Piteira Santos

Francisco Martins Rodrigues

Mário Dionísio

José Mário Branco

Francisco Louçã

Júlio Machado Vaz

António Gomes da Costa

Miguel Vale de Almeida

Eduarda Dionísio

Madalena Barbosa

Ana Campos

Mário Viegas

Júlio Pinto

Viriato Teles

João Mesquita

Alexandra Lucas Coelho

Maria Irene Sousa Santos

José Manuel Morais

Henrique Silvestre

Carlos Cunha

João Romão

(publicados na revista Combate entre 1987 e 1996)

NOTA DOS EDITORES

P arar e olhar atrás para procurar no caminho percorrido sentidos para o que temos pela frente. Saber que o percurso foi tantas vezes melhor do que a meta e que isso já ninguém nos tira. Com visão crítica, pois claro. Com distanciamento e também com orgulho.

O «Combate», primeiro «Combate Operário» e antes ainda «Luta Proletária», foi a publicação ininterrupta de uma corrente da esquerda nascida em 1973. De órgão oficial a campo de ensaios para a convergência que experimentávamos nas suas páginas, a sua edição chegou a ser, nos difíceis anos 80, prova de vida de um pequeno grupo que resistia ao desencanto e à traição de Novembro.

E em 1987, na sequência das primeiras eleições europeias e da lista do PSR (ainda hoje a única que pôde ser apresentada por ordem alfabética), o «Combate» renovou-se num projecto para além do quadro partidário. Foram os anos em que a Eduarda Dionísio editava, dos dossiers temáticos com debates mensais, da participação alargada, subitamente, a tanta gente, do entusiasmo mensal pelas palavras que se escreviam e pelas ideias que se faziam circular assim, pelos grafismos sempre controversos.

E foram esses os anos em que o «Combate» começou a ser o pretexto para a militância, (ou para pensar a militância, que é o mesmo). Discutir e juntar pessoas, juntar pessoas para agir. Uma e outra vez. Cada edição, cada mês, cada tema.

Não havia ainda a internet e os computadores davam os primeiros passos nas nossas vidas. O papel e as canetas, marcadores e x-actos eram instrumentos essenciais para o que fazíamos. As reuniões tinham sempre muito papel em cima da mesa e nesses papéis havia notas à margem, ideias

fixadas para não esquecer, notas soltas que serviam cada momento, com cores para ajudar à classificação.

Sendo o terreno em que o PSR experimentava convergências políticas com pessoas fora do seu núcleo restrito, o «Combate» foi também palco para o cruzamento de gerações diferentes em busca do socialismo. Foi escola e pretexto para tantas aprendizagens. Jovens de 20 anos lado a lado, na ficha técnica, com pessoas de 60 e com uma vida cheia. Lado a lado, de facto, na redacção, quando esta reunia em casa do João Martins Pereira, invariavelmente com café servido num tabuleiro pequeno para tantas chávenas. Momentos em que o tempo passava demasiado depressa para tantas referências e conversas que ainda agora começavam a fazer sentido. Momentos de privilégio em que aprendemos que o tratamento por «tu» é o único que faz sentido na luta pelo socialismo.

Do trabalho dos editores à concretização gráfica do Jorge Silva, momento quase solene de finalização mensal do trabalho e sempre sujeito à negociação onde a imaginação entrava pela noite dentro, e onde os prazos ultrapassados e a adrenalina garantiam que o jornal que fazíamos era uma parte da vida que levávamos. Impresso, o trabalho militante de alcear as suas páginas e fazer a expedição para os assinantes era o dia de festa na Rua da Palma. Trabalho manual, repetitivo, muitas vezes o primeiro contacto de jovens militantes com o jornal.

O «Combate» nunca pagou a redactores, gráficos ou ilustradores. Pagávamos a gráfica a preços solidários e pagávamos aos CTT quando o porte pago acabou. O trabalho militante era por convicção e certeza do que o que estávamos a fazer era o melhor que sabíamos e podíamos para intervir no mundo que queríamos desesperadamente compreender e transformar. Sem certezas, mas com muita vontade.

Director por imposição legal, o Francisco foi sempre o verdadeiro relações públicas do «Combate» e principal responsável pelos momentos em que o «Combate» se reinventou e se tornou o primeiro instrumento de uma corrente política em busca dos caminhos para a reconstrução da esquerda e da resistência necessária. Fazer das fraquezas força, essa foi sempre a sua magia.

Os artigos, as crónicas, as notas breves, as ilustrações, a reflexão das suas páginas, são ainda o melhor reflexo desse percurso singular que nos marcou a vida e determinou grande parte do que somos, cada um e colectivamente. Nestas edições dos Cadernos do «Combate» encontram-se as palavras de alguns dos melhores jornalistas do país, dos melhores ficcionistas e ensaístas, de activistas de sempre por todas as causas fundamentais. Textos escritos com vontade, para um jornal de circulação demasiado restrita, que combateu a indiferença e o conformismo e teve tantas e tão saborosas vitórias.

Carlos Carujo, João Carlos e Luís Branco

Novembro 2008

Índice

NOTA DOS EDITORES	5
ESTADO NOVO SEM VERGONHA – ENTREVISTA A FERNANDO ROSAS	9
ENTRE UM PASSADO PESADO E UM FUTURO INCERTO - ENTREVISTA A FERNANDO PITEIRA SANTOS	19
A MEMÓRIA DA CRÍTICA – ENTREVISTA A FRANCISCO MARTINS RODRIGUES	25
NÃO SE PODE VIVER SEM UTOPIA – ENTREVISTA A MÁRIO DIONÍSIO	35
UMA NOITE EM (JOSÉ MÁRIO) BRANCO – ENTREVISTA A JOSÉ MÁRIO BRANCO	45
CAPITALISMO E FAMÍLIA – FRANCISCO LOUÇÃ	55
QUE HÁ DE SER DE NÓS – JÚLIO MACHADO VAZ	61
O HIPOTÁLAMO DE TENNESSEE WILLIAMS – ANTÓNIO GOMES DA COSTA	67
SEXO SOCIAL – MIGUEL VALE DE ALMEIDA	73
QUANDO OS SENTIMENTOS TRANSITAM EM JULGADO – EDUARDA DIONÍSIO	77
XUT! – MADALENA BARBOSA	83
ABORTO: O CINISMO DO QUOTIDIANO – ANA CAMPOS	87
A INDIFERENÇA DA DIFERENÇA – FRANCISCO LOUÇÃ	91
OS ARTISTAS AO PODER – ENTREVISTA A MÁRIO VIEGAS	99
AS ILUSÕES QUE CANTAM E OS CIFRÕES QUE CONTAM – ENTREVISTA A JÚLIO PINTO	107
ENTÃO AGORA VAMOS FICAR SEM O ASSIS? – VIRIATO TELES	115
A MORTE NÃO CALA A POESIA – FRANCISCO LOUÇÃ	119
RECORDAÇÕES – JOÃO MESQUITA	123
A LESTE DAS ILUSÕES – ALEXANDRA LUCAS COELHO	127
A VIAGEM AMERICANA – MARIA IRENE SOUSA SANTOS	135
EU FUI EME ERRE – JOSÉ MANUEL MORAIS	141
VENHA O DIA NEM QUE SEJA DE NOITE – HENRIQUE SILVESTRE	145
O REI MOMO PASSADO A FERRO – CARLOS CUNHA	151
ALGARVE, SERRA E TUDO – JOÃO ROMÃO	155